Cultura Reabertura do Centro de Artes Villa Portela, em Leiria

Paula Sofia Luz Texto
Nelson Garrido Fotografia



Contadores de Histórias inaugurou a 22 de Setembro, após reabertura do Centro de Artes Villa Portela, antigo *chalet* da família Charters d'Azevedo

Uma casa de família que Leiria transformou em centro de artes Villa Portela

Durante mais de um século, foi a romântica casa da família Charters d'Azevedo. É desde 2025 património municipal, um centro de artes que alberga obras de Paula Rego, Jorge Queiroz e Sue Williams

Durante muitos anos, Leiria namorou aquele pulmão verde, a respirar no centro da cidade, envolvendo um *chalet* construído no século XIX. Dessa história de amor (contada primeiro pela família de Roberto Charters d'Azevedo, o fundador) haveria de nascer o Centro de Artes Villa Portela, inaugurado a 22 de Maio de 2025, Dia da Cidade de Leiria, ao cabo de vários meses de negociações entre o município e a família Charters d'Azevedo, concluídas em 2017, e de oito anos de reconstrução.

Contudo, a tempestade *Kristin* obrigou ao encerramento do espaço, que viria a reabrir apenas em Setembro passado. "Podemos dizer que este é um lugar conquistado pelos leirienses, um lugar de arte contemporânea", diz ao PÚBLICO Anabela Graça, vereadora da Cultura, dias depois de se inaugurar ali a exposição *Contadores de Histórias*, que reúne obras de Paula Rego, Jorge Queiroz e Sue Williams, da colecção do Museu de Serralves. A exposição abriu a 22 de Setembro e ficará patente até Janeiro de 2027, integrada no programa de exposições itinerantes da Fundação de Serralves.

Com curadoria de Luís Pinto Nunes e coordenação de Carlos Magalhães, *Contadores de Histórias* resulta de uma parceria entre a autarquia leiriense e a Fundação de Serralves, aproximando o público da região de importantes referências da arte contemporânea. Apesar das diferenças entre as suas linguagens plásticas, "os três artistas partilham uma construção visual de matriz surrealizante, em que a ausência de organização hierárquica favorece narrativas abertas, pessoais e livres. Entre o desenho, a pintura e a evocação do inconsciente, as obras articulam memória, ficção e experiência, afirmando a liberdade criativa como princípio estruturante", explica ao PÚBLICO Ana David Mendes, directora do Centro de Artes Villa Portela.

"O que sempre quisemos aqui foi um espaço de fruição, criação e reflexão em torno da arte contemporânea", acrescenta Anabela Graça, que passou anos a olhar para a casa, separada do edifício da câmara apenas por uma praça. "O espaço despertava muita curiosidade a todos os que por aqui passavam, mas não tinham acesso ao palacete. O qual passou a ser, neste momento, um espaço de encontro. E de encontro com a arte", sublinha. Lá fora, as árvores do imenso jardim acusam ainda as marcas da *Kristin*. A programação tenta combater esse desencanto, e até a vista passou a ser outra, desde finais de Janeiro. "Uma das coisas que o engenheiro Ricardo Charters d'Azevedo [bisneto do fundador] sempre nos disse é que nunca se lembra de conseguir ver o castelo a partir da propriedade, tal era a dimensão do arvoredo. O certo é que actualmente temos vista [para o castelo]", enfatiza a vereadora. E isso só aconteceu porque muitas das árvores foram derrubadas pela tempestade. Depois da *Kristin*, "tentámos ainda recuperar algumas árvores, algumas centenárias, mas a maioria não foi possível", acrescenta Rui Cunha, responsável da Divisão da Cultura da autarquia de Leiria, que assiste à conversa juntamente com outros elementos da equipa da Villa Portela.

À volta do palacete, os passeios permitem percorrer boa parte do espaço envolvente, contando com as antigas dependências e pátios da quinta do século XIX, que outrora serviam de estábulos e agora foram transformados em edifícios de apoio. Ao todo, falamos de uma área com 17.000 metros quadrados. Há uma cafetaria, um lago que remete os visitantes para o jardim romântico que ao longo de várias gerações foi um convite à contemplação, e aquela sensação de escapar imune ao bulício da cidade. Afinal, foi com esse objectivo de fuga que a família construiu e manteve a propriedade, cuja casa foi considerada monumento de interesse municipal em Julho de 2019. Meia dúzia de anos depois, a autarquia estabeleceu com os herdeiros um contrato vitalício e uma renda de 3500 euros mensais.

"Não por acaso, o projecto era apre-



sentado como a mini-Serralves de Leiria", recorda Anabela Graça. "Houve mesmo um trabalho de preparação que fomos fazendo com Serralves, tendo em conta também as características deste espaço, sobretudo a parte do jardim – a questão da sustentabilidade, que esteve sempre muito presente na missão que queríamos para o Centro de Artes Villa Portela", frisa. De resto, a Fundação de Serralves assumiu-se como parceira desde cedo. "Por um lado, através da mediação cultural. Por outro, a possibilidade de podermos usufruir do seu acervo", acrescenta a vereadora.

Em Maio de 2025, a primeira exposição foi com a colecção da Arte Contemporânea do Estado. E depois continuou essa estreita parceria, permitindo "este processo de descentralização da arte por parte destas duas instituições. E, de alguma forma, para o arranque deste projecto foi fundamental."

Cada exposição na Villa Portela tem uma programação que passa também pela música, com um concerto associado. Depois, há visitas guiadas, *workshops*, conversas. Falamos na biblioteca da casa, "que também tem essa finalidade de promover o conhecimento, a reflexão e a partilha", sustenta a vereadora.

Anabela Graça fala ao PÚBLICO um dia depois de um jantar promovido pela Câmara de Leiria com uma centena de empresários, no sentido de os convocar também para essa dimensão cultural. E nos contactos com possíveis parceiros deixa sempre



os números: "Nós tivemos 16.130 visitantes logo nos primeiros meses em que a Villa Portela esteve aberta, e isso refere-se às pessoas que entram no edifício, nomeadamente para ver as exposições. Não contabilizamos quem entra para passear nos jardins ou vai à cafetaria", adianta. No primeiro fim-de-semana desta nova exposição, assegura, foi visitada por mais de 600 pessoas.

Um palacete imortal

O palacete idealizado por Roberto Charters d'Azevedo e mantido até 2015 pelo seu bisneto Ricardo conservou toda a lógica de arquitectura, as formas, o mesmo rosa nas fachadas. O cuidado na reconstrução impediu danos maiores durante a tempestade. Ainda assim, não conseguiu evitá-los, como em tanto lugar da região centro. A Câmara de Leiria gastou cerca de 400 mil euros na obra, depois dos três milhões investidos na reabilitação, até ao ano passado.

Nós tivemos 16.130 visitantes só nos primeiros meses em que a Villa Portela esteve aberta, nomeadamente para ver as exposições

Anabela Graça
Vereadora de Cultura da Câmara Municipal de Leiria

No livro *A Villa Portela - os Charters d'Azevedo em Leiria e as suas ligações familiares (séc. XIX)*, editado em 2007, Ricardo Charters d'Azevedo – autor da obra, em parceria com Francisco Queiroz e Ana Margarida Portela – explica como nasceu a casa da família em Leiria, inspirada no modelo de *chalet* suíço com origem nos centros de veraneio existentes em meados do século XIX no Sul da Europa, e em particular no litoral francês.

"Tornar-se-iam uma moda em Leiria nos finais de 800", escreve o bisneto do engenheiro Roberto Charters d'Azevedo, que idealizou todo o espaço. A 3 de Outubro de 1895, o *Correio de Leiria* publicava uma notícia sobre a construção do *chalet*, onde se lê: "Agora que a obra se acha quase concluída, é que tão magnífica construção nos vai mostrando todas as suas belezas." O artigo faz também referência aos jardins e ao parque envolvente. "A tipologia do *chalet* não se destinava propriamente a residência de carácter permanente", adianta agora Ricardo, que viria a publicar um segundo livro sobre a Villa Portela em 2022.

Em declarações ao PÚBLICO, orgulha-se do desfecho de todo o processo, das negociações com o antigo presidente Raul Castro e de ver cumprida a dezena de condições que impôs à autarquia. "Foi a primeira vez que consegui impor condições a uma câmara.

Normalmente é ao contrário", ironiza Ricardo Charters d'Azevedo. Entre esse rol está a proibição de "porem lá gabinetes de vereadores", por exemplo, ou de desvirtuarem, de alguma forma, o que sempre imaginou como "centro de cultura".

"O meu pai deu-me a casa com uma condição – mantê-la como memória da família em Leiria", sublinha, ele que chegou a recusar "a proposta de uma multinacional de *fast-food* que "já há dez anos" lhe "oferecia 44 mil euros por mês". Depois da morte do pai, em 2015, com mais de 100 anos, Ricardo Charters d'Azevedo percebeu que o melhor seria deixar que a cidade usufruísse da Villa Portela por inteiro. Vendeu metade da propriedade para construção, e o restante contratualizou com a câmara.

Legado Charters d'Azevedo

"A casa foi muito bem restaurada. O que não quer dizer que não me cause alguma melancolia quando lá entro, porque estão ali todas as minhas memórias, desde o corrimão das escadas por onde eu escorregava até às janelas." São, ao todo, 52 janelas.

"Quando era miúdo, ficava uns 20 minutos a ouvir fechá-las, ao cair da tarde." Mas foram a tempestade *Kristin* e o derrube das árvores que lhe causaram grande tristeza. Por ironia, a maioria das que tombaram tinha sido plantada no início da década de 1940, depois de um ciclone ter derrubado as que existiam. "Nessa altura, o meu bisavô cortou tudo em pranchas, para fazer móveis. Quando me casei, 30 anos depois, fui tentar usar alguma dessa madeira, mas estava cheia de caruncho."

Aos 84 anos, Ricardo Charters d'Azevedo mantém com Leiria uma relação bem mais próxima do que na infância e juventude, quando lá ia apenas passar férias à Villa Portela. Mora no Estoril, mas duas vezes por mês volta a cruzar o enorme portão da casa. "Gosto de lá ir, de ficar ali a almoçar na cafetaria. Aquilo é para os leirienses, e por isso, se gostam, têm de a defender. Espero que futuras câmaras honrem o compromisso estabelecido, caso contrário o contrato perde a validade."

Na Villa Portela, o jardim está aberto todos os dias, das 9h30 às 20h, enquanto a cafetaria abre das 10h às 19h às sextas, sábados, domingos e feriados, e encerra às 18h de segunda a quinta. Já a biblioteca de arte e sala de leitura funcionam diariamente entre as 9h30 e as 18h.

O mesmo acontece com a galeria de arte, entre Outubro e Março. Sobram ainda espaços destinados a residências artísticas, uma das imposições que o proprietário vincou, tal como aconteceu com a cafetaria.